

Artigo recebido em: 31/05/12
Revisado em: 05/06/13
Aprovado em: 18/08/13

Judilene Bento da Costa¹

Ana Bernadete de C. A. Soares²

FLUXOS E ATRAÇÃO ECONÔMICA NA FEIRA DE SÃO JOSÉ DO EGITO-PE

RESUMO

Neste trabalho, apresentamos um estudo sobre a feira livre de São José do Egito – PE, como um espaço de atração econômica favorecida por sua posição geográfica e pelo dia da semana em que acontece a comercialização na feira (aos sábados), o que acaba atraindo consumidores de cidades vizinhas e aumentando, assim, o fluxo de consumidores e de capital na cidade. O trabalho foi desenvolvido mediante revisão bibliográfica – com leitura de autores da área das Ciências Sociais –, trabalho de campo, coletando dados junto aos feirantes e consumidores, registrando imagens, bem como pesquisa documental nos acervos públicos municipais. Os resultados obtidos mostram que o motivo que leva consumidores das cidades vizinhas é o preço dos produtos e variedade das frutas e verduras, bem como dos produtos de arreo. Essa concentração de feirantes e consumidores na cidade proporciona um fluxo econômico para o município.

Palavras-chave: Feira livre. Atração econômica. Fluxo de capital. Fluxo de consumidores.

ECONOMIC FLOWS AND ATTRACTION IN FAIR OF SÃO JOSÉ DO EGITO-PE

ABSTRACT

This paper is result of a study about a street fair in São José do Egito – PE, as a place of economic attraction favored by its geographical position and the day of the week that it are used to happen, on Saturdays. It ends up attracting consumers of neighboring cities, increasing the flow of consumers and the capital of the city. This paper had been developed by a bibliographic research – The authors read here were from the area of social science –, Field research, It had been collected information with stallholders and consumers, recording pictures, documents from public cities. At last, the tabulation of data had been transformed into graphic, tables, maps, reaching the results desired to better understand the reason which causes the flow in these city in street fair days that exert and economic attraction.

Keywords: Street fair. Economic attraction. Capital flow. Flow of consumers.

¹ Secretaria de Educação do Município de São José do Egito
judilenecosta@yahoo.com.br

² Faculdades Integradas de Patos
accioly27@yahoo.com.br

Correspondência:

Judilene Bento da Costa
Secretaria de Educação do
Município de São José do Egito.
São José do Egito -PE, Brasil

INTRODUÇÃO

Sabe-se que as feiras livres são práticas tão antigas quanto as próprias cidades. Na sociedade feudal as aldeias eram autosuficientes e o intercâmbio de mercadorias primárias ocorria entre as famílias locais das aldeias. Aos poucos, as trocas de mercadorias foram crescendo e o comércio de gêneros alimentícios foi se tornando comum nas praças e ruas, e nas regiões portuárias.

No Brasil, foram os colonizadores que deram início às feiras livres nas cidades litorâneas. Com a construção de estradas para o interior do país, as cidades surgiram e a expansão comercial dos fluxos de produção do litoral para o interior se tornou grande fator econômico regional.

Segundo Vieira (2004), o termo 'feira' é derivado do latim e significa "dia festivo", pois nos dias de festas os mercadores iam à praça pública negociar suas mercadorias, tornando essa atividade um grande fator econômico e social de remuneração.

Ao longo da história, relatado em livros, podemos observar como o sistema comercial das feiras livres começou a se desenvolver. Na sociedade feudal, cada aldeia era autossuficiente. Nelas, o servo e sua família cultivavam e produziam seu próprio alimento e vestuário, não havendo assim uma vida econômica decorrente da troca de capital, mas sim um intercâmbio local de mercadorias primárias entre as famílias das aldeias. Aos poucos, essas trocas de mercadorias locais começaram a se intensificar, em virtude da necessidade das famílias obterem produtos que não produziam. As famílias que criavam animais usavam as peles para fazer sua vestimenta e os excedentes trocavam por frutas e verduras de famílias que praticavam a agricultura e, assim, ocorriam as trocas. Era um período em que poucos tinham capital para aplicar em bens primários.

A Igreja e os nobres possuíam grande fortuna, mas se tratava de capital estático, não movimentado, já que havia pouca possibilidade de emprego deste, diferentemente de hoje, quando o dinheiro pode ser aplicado em um mercado financeiro dinâmico. Nesta época, o senhor do feudo atraía à sua casa os melhores artífices, cuja produção era consumida no próprio feudo, o que conferia a esse relevante grau de autossuficiência.

Para Huberman (1986, p.17).

Se alguém perguntar quanto pagamos por um casaco novo, a proporção é de 100 para 1 como você responderá em termo de dinheiro. Mas se essa mesma pergunta fosse feita no início do período feudal, a resposta provavelmente seria: “eu mesmo fiz”.

Era, portanto, inexistente o uso de “capital”. Aos poucos, as populações das aldeias começaram a crescer e a procura por produtos começou a aumentar, intensificando as trocas, que passaram a acontecer semanalmente em local onde as aldeias próximas pudessem se encontrar, geralmente acontecendo próximo de um mosteiro ou castelo. A procura e a troca de mercadorias foram crescendo, e as aldeias passaram a expandir suas estradas para outras localidades em busca de novas mercadorias. Nessa busca de novos lugares para as trocas de mercadorias, começou o uso de moedas nas negociações dos produtos oferecidos de região para região, o que se configurou num longo processo, pois inexistia uma infraestrutura razoável para as viagens dos mercadores, dificultando a expansão e transição das mercadorias. Além disso, os percursos contavam com a presença de salteadores com freqüência. De acordo com Huberman (1986), existiam duas espécies de salteadores: os bandidos comuns e os senhores feudais, que paravam os mercadores e exigiam que pagassem para ter o direito de trafegar nas estradas. Para além das dificuldades criadas pela falta de estrutura, outro problema dificultava a marcha do comércio: o dinheiro escasso e moedas, que variavam de região para região.

As Cruzadas, na Idade Média, mudaram todo esse cenário, pois os europeus, ao atravessarem o continente, necessitavam de provisões para seu percurso de conquista. É nesse momento que se concretiza a necessidade de mercadores para o fornecimento de provisões.

A partir dessas colocações, Huberman (1986, p.18) afiança que “chegou o dia em que o comércio cresceu, e cresceu tanto que afetou profundamente toda a Idade Média. O século XI viu o comércio evoluir a passos largos; o século XII viu a Europa Ocidental transforma-se em seqüência disso”.

Regressando de suas jornadas para o ocidente, os cruzados traziam com eles o gosto pelas comidas e roupas que tinham experimentado. Assim, sua procura criou um mercado para esses produtos. Além disso, o aumento da população necessitava do aumento da produção de mercadorias, cidades mais bem localizadas eram pontos comerciais mais favoráveis a se tornarem canais de encontro comercial.

Ainda de acordo com o autor (*idem*, p.19).

[...] Veneza apresentava uma localização ideal para a época, pois o bom comércio era o do Oriente, tendo a mediterrânea como saída. Uma vista d'olhos no mapa será o suficiente para mostrar porque Veneza e outras cidades italianas se tornaram centros comerciais tão importantes.

Os mercadores, com todo esse crescimento, realizavam grandes feiras, pois as rotas utilizadas favoreciam tanto pontos de encontro como grandes quantidades de artigos que poderiam ser facilmente comercializados pelos mercadores de feira para feira, desempacotando a mercadoria, armando as barracas e vendendo seus produtos.

Nesse contexto, Vieira (2004, p.40) observa que “a economia natural do feudo autossuficiente do início da Idade Média, se transformou em economia de dinheiro de um mundo de comércio em expansão”, e ainda

Tendo em vista que as sociedades feudais eram auto-suficientes e vendiam os seus excedentes através de trocas comerciais, com o processo do crescimento dos feudos e das cidades, essas sociedades integraram-se ao avanço dos grandes centros (cidades), que cresciam gradativamente; com isso, o comércio que se sustentava a partir de trocas de produtos, passou a ser monetarizado e expandir suas influências ou fluxos, através de rotas comerciais

É importante observar a diferença entre as feiras na Idade Média e as feiras do século XXI. As da Idade Média eram realizadas com pequena produção, os mercadores transportavam suas mercadorias precariamente, os produtos comercializados eram, em sua maioria, agrícolas. Nas feiras compreendidas entre os séculos XII ou XV, ao contrário, já eram negociadas mercadorias por atacado e

que provinham de regiões mais distantes, pois as estradas estavam em melhores condições para o transporte das mercadorias.

Atualmente, as feiras são grandes centros de distribuição e comercialização de vários tipos de mercadorias de todos os lugares, pois estradas e os meios de transporte são desenvolvidos e favorecem a chegada e saída de produtos de todas as regiões. Nestas podem ser encontrados produtos manufaturados artesanais, agrícolas, de cidades de uma única região, ou de regiões diferentes.

Diante do exposto, pode-se observar que as feiras livres remontam ao período em que o homem deixa de ser nômade e passa a sentir a necessidade de trocar o excedente de sua produção, o que faz surgir novas formas de relações sociais, consequência dos contatos e conversas que aconteciam entre os mercadores e entre feirantes e consumidores na comercialização das mercadorias.

É nesse contexto que se desenvolvem e evoluem as relações campo-cidade, no qual, segundo Moreira (2005), essa atividade comercial forma nova estrutura de vida e organiza o espaço. Este espaço, produzido em decorrência dos novos modos de produção, foi modificando antigas e fazendo surgir novas formas de relações comerciais e sociais decorrentes de novas formas de consumo em uma atividade de remuneração.

Lima (2009, p.10) afirma que as “feiras livres atravessaram os tempos, adaptando-se a cada sociedade, tipos de economia, sobrevivendo a entraves com o poderio centralizador, limitações para sua efetividade, entre outros”.

Hoje, as feiras são consideradas grandes comércios de rua, constituem-se em empreendimento com algum grau de formalidade, estabelecendo diferentes possibilidades de empregos e possibilitando observar a oposição entre o institucional e o informal num único espaço. Na feira livre encontram-se produtos duráveis como painéis, brinquedos, roupas, calçados, e produtos não duráveis, como frutas, verduras, comidas típicas entre outros. É lugar onde a cultura também pode ser percebida em cada forma de organização e comercialização. Nas áreas onde as feiras se inserem, observam-se variações ou similaridades de cultura.

Geertz (1978) assevera que cada lugar tem uma forma particular de cultura, e que essa mesma cultura pode ser levada de um lugar para outro através das relações sociais. Nas feiras livres essa cultura particular pode ser levada pelos

moradores da zona rural, que possuem formas diferentes dos moradores da zona urbana, a exemplo do modo de se expressar, de se vestir, ou entre moradores de cidades vizinhas, mas isso não é barreira para que ocorram relações sociais nesse espaço e sim “intercâmbio” de cultura local.

Segundo o autor (idem), um gesto ou um lugar pode ser interpretado de diferentes formas, se apresentando como um *lócus* de vivência e existência cultural, econômica, social, despertando interesse de vários pesquisadores enquanto objeto de estudo. Nascimento (1994) pesquisou “As Intermediações Comerciais na Empasa – CG”, que trata as relações de produção, produtores rurais, comerciantes, políticos, atravessadores e a influência que estes exercem sobre a feira de Campina Grande –PB. Galvão (1994) pesquisou “A Feira Livre em João Pessoa-PB”, cujo objetivo foi a análise da feira em três décadas (1960 a 1990), revelando aspectos sociológicos e antropológicos do funcionamento da feira. No sudeste do país temos Sato (2007), com a pesquisa “Processos de Organização do Trabalho na Feira Livre” cujo objetivo foi descrever algumas feições dos processos cotidianos que organizam o trabalho na feira livre.

1.1 A FEIRA LIVRE E SEU PROCESSO DE EVOLUÇÃO NAS DIVERSAS ESCALAS

As feiras livres surgiram no Brasil no período da colonização, implantadas como grande tradição pelos colonizadores. As primeiras cidades a desenvolverem o costume da feira no Brasil foram as do litoral, nas quais a comercialização das mercadorias nas feiras incidiam entre mercadores do litoral e comerciantes do oriente. Com o surgimento de novas cidades no interior, novas estradas favoreceram o comércio, através das mesmas rotas comerciais e expansão dos fluxos de produção do litoral para o interior.

Esses produtos, que provinham das metrópoles, eram comercializados em pequenos locais onde se encontravam produtos agrícolas oriundos de pequenas produções. Os locais onde a comercialização era realizada foram se modificando de acordo com a necessidade dos mercadores e pelo crescimento da diversificação dos produtos agropecuários do interior, que foi, aos poucos, aumentando os fluxos

entre metrópole e interior e entre cidades do próprio interior, fortalecendo a economia das cidades do território brasileiro.

As rotas comerciais favoreceram uma rede de fluxos de produtos de região para região e uma expansão de cultura popular, levada pelos mercadores de um lugar para outro, movimentando grande fluxo de capital para as cidades e estabelecendo novas relações socioespaciais entre regiões.

Segundo Vieira, (2004, p.41), “a feira, com estas características, aos poucos foi se espalhando por diversas cidades brasileiras, sendo esta um marco primordial para o desenvolvimento das cidades”, o que proporcionou “um avanço de transição comercial dentro das próprias cidades”.

Nessa perspectiva, a feira nordestina também foi se tornando um elemento importante na vida social e econômica da região. Estudos regionais, via de regra, mencionam as feiras ou fazem relatos específicos sobre elas, que se caracterizam pelos seguintes elementos: itinerância dos comerciantes, formas criativas de exposição das mercadorias e de chamar a atenção dos consumidores, variedades de produtos e de serviços, produtos artesanais típicos e cultura popular de cada local, preços abertos e acordos informais entre comerciantes e consumidores.

Segundo Cardoso e Maia (2007, p. 518), as cidades do interior do Nordeste surgiram com a instalação de fazendas, geralmente localizadas às margens dos rios ou de seus afluentes, o que proporcionava a criação de gado e a agricultura de subsistência. Novas estradas foram estruturadas no interior para proporcionar acesso à passagem de gado, de fazenda para fazenda. Nessas estradas do litoral ao interior surgiram, gradualmente, vilas e povoados, as quais, bem mais situadas e em posição favorável, tornavam-se ativos centros de comércio de gado.

A feira das grandes cidades foi, no passado, responsável pelo abastecimento das vilas que eram dependentes das grandes fazendas, ou seja, os mercadores traziam das cidades maiores o modo de vender as mercadorias, a organização do espaço para montar as barracas, as formas como os produtos eram expostos ao consumidor. Maia (2007) afiança que as feiras de Caruaru, em Pernambuco, e a de Campina Grande, na Paraíba, destacavam-se pelo seu papel centralizador e de ligação com os sertões. Na região Nordeste, a feira se constitui como um elemento espacial que reúne diversos objetos que caracterizam as manifestações culturais

de cada localidade, podendo, através da mesma, entender melhor sua existência e permanência, que em muitos lugares resiste à globalização. A modernidade, porém, não atinge todos os lugares de forma igualitária. É neste aspecto que a feira surge como uma rugosidade (1) capaz de absorver aspectos modernizantes, às margens do processo globalizante. Torna-se, portanto, um espaço de resistência, não apenas por se opor às modernizações, mas também por absorvê-las, em parte, e, readaptá-las a partir da criatividade popular (COSTA, 2001).

Nesse contexto, a feira é vista sob diversos ângulos que conferem singularidade ao espaço urbano no momento em que tendências opostas ganham força, a exemplo das indústrias de roupas e calçados de um lado, dentre outras, e de outro, a criatividade nordestina, fazendo com que os consumidores não deixem de consumir os produtos e utensílios locais.

Hoje, apesar de Caruaru e de Campina Grande continuarem sendo centralizadoras, as feiras se expandiram para cidades do interior, para onde convergem as populações rural e urbana da localidade nos dias que a feira acontece. A cidade de Caruaru, conhecida como a capital do Agreste, é onde se encontra uma das feiras mais completas e importantes do Nordeste brasileiro, englobando em um único espaço comércio, festa e arte popular.

Segundo Maia (2007, p. 526) as feiras de Caruaru e de Campina Grande também eram realizadas semanalmente, porém, devido ao seu poder centralizador e ao grande índice de desemprego nelas existentes, essas feiras passaram a acontecer todos os dias da semana, tendo nos seus dias oficiais, maior movimento. A exemplo das feiras nas cidades mencionadas, a de São José do Egito, no estado de Pernambuco, acontece em um dia da semana, onde se encontra grande contingente de pessoas das cidades circunvizinhas, de cultura popular do repente e poesia local.

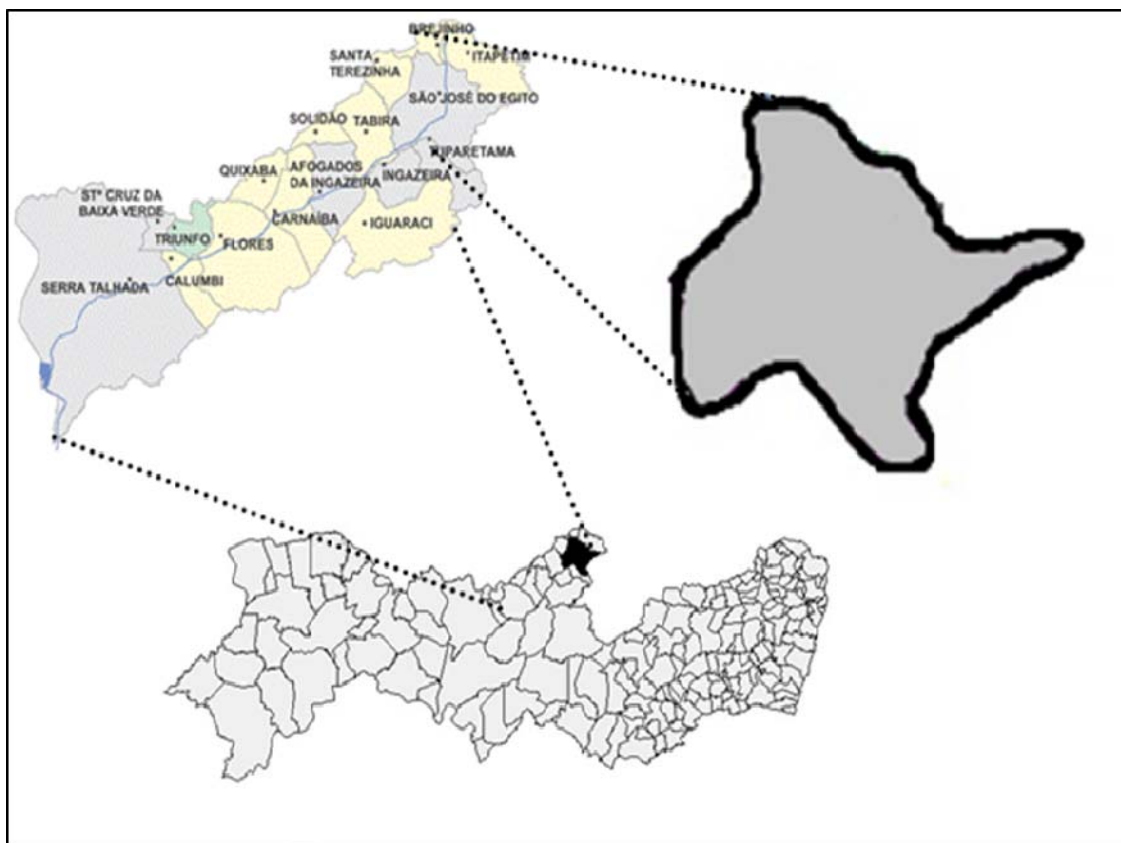
1.2 SÃO JOSÉ DO EGITO/PE: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O município de São José do Egito está localizado na zona fisiográfica do sertão, microrregião do alto Pajeú, distando 404 km do Recife, capital de Pernambuco; possui uma área de 791,901 km², representando 0,92% da porção

total do estado. O município está localizado a uma altitude de 585m. Segundo Cirano (2009), o clima da região é do tipo semiárido com estação seca bem definida na maior parte do ano; os meses mais chuvosos são março e abril, com uma precipitação pluviométrica média anual de 426,3 milímetros e temperaturas médias de 26 a 28°C. Segundo Andrade (1987), a vegetação que predomina é a caatinga e o solo raso e pouco permeável do semiárido favorecem a pecuária extensiva, a mineração e culturas irrigadas. Limita-se ao norte com os municípios de Brejinho e Itapetim; ao sul, com os municípios de Tuparetama e Ingazeira; a leste, com Ouro Velho, município do estado da Paraíba; a oeste, com os municípios de Tabira e Santa Terezinha.

O mapa a seguir mostra a localização do município, na microrregião do Pajeú.

Ilustração 01 - Croqui de localização de São José do Egito/PE e cidades circunvizinhas.



Fonte: Adaptado de Portal do Pajeú, disponível em [http:// www.pe.gov.br](http://www.pe.gov.br). Acesso em março de 2011

As cidades vizinhas – Itapetim, Brejinho, Santa Terezinha – têm forte ligação com São José do Egito, pois, no passado, mais especificamente na década de 1930, essas áreas eram distritos da cidade. Os produtores rurais destas áreas praticavam a agropecuária de subsistência e o algodão era vendido para a usina de algodão construída na cidade. Em 1893, quando esses distritos foram emancipados, permaneceu o vínculo econômico com São José do Egito. As negociações dos agricultores continuaram ocorrendo na cidade, nos dias de feira, a fim de comercializar seus produtos agropecuários e comprar outros produtos. As cidades pernambucanas de Tabira e Tuparetama consideravam São José do Egito como ponto estratégico, um lugar de encontro para onde os moradores de Santa Teresinha e Itapetim se deslocavam, aumentando o número de pessoas nos dias de feira, o que possibilitava também vender seus produtos na cidade.

A FEIRA LIVRE EM SÃO JOSÉ DO EGITO

A feira livre de São José do Egito surgiu junto com a criação da vila, às margens do rio Pajeú, mantendo hoje o seu percurso pela cidade. Próximas às vilas estavam as fazendas com as criações de gado, onde os próprios moradores trabalhavam, o que facilitou o processo de inserção dos pequenos comércios nas estradas percorridas por viajantes e boiadeiros, que vinham para comercializar seus produtos.

A feira livre do município, como as demais feiras da região, é um local de encontro para a comercialização popular. A sua localização geográfica e o dia de comercialização da feira na cidade em relação às cidades de Tabira, Tuparetama, Itapetim, Brejinho e Santa Teresinha, todas em Pernambuco, favorecem a feira da cidade como um ponto estratégico para trocas comerciais dos feirantes e torna-se ponto atrativo para os consumidores.

Nessa perspectiva, a feira de São José do Egito caracteriza-se como uma área de convergência para as comercializações em relação às cinco cidades supracitadas, dentre as dezessete que compõe a microrregião do Pajeú. Engloba ainda como mercado consumidor as cidades paraibanas de Teixeira e Ouro Velho, favorecendo o fluxo e a atração econômica na cidade no dia da feira (aos sábados) para trocas de serviços, produtos e capital, gerando novas oportunidades de emprego temporário aos moradores locais e impulsionando o desenvolvimento econômico da cidade.

O feirante paga uma taxa à Prefeitura Municipal para ter direito ao uso do espaço toda semana, mas, segundo os mesmos, o valor pago não é aplicado de forma correta nas despesas da organização da feira livre, no que se refere à limpeza adequada dos banheiros localizados dentro do Mercado Público Municipal, além da falta de um depósito de lixo onde possam deixar o lixo acumulado durante a comercialização dos produtos nas suas bancas. O que parece bom aos olhos do consumidor, não o é para os feirantes: uma de suas necessidades é a ampliação do espaço físico, onde se concentram as bancas de roupas e calçados, pois a movimentação dos consumidores fica comprometida pela insuficiência de espaço durante suas compras.

A feira é organizada por setor, em função dos tipos de produtos. As bancas de frutas e verduras ficam todas juntas em um único local, bem como o setor de roupas e calçados, o setor de produtos importados e industrializados e em um espaço destinado à feira da troca no Mercado Público Municipal ocorre a comercialização de carnes e cereais.

Os produtos e mercadorias comercializados são bem diversificados: frutas e verduras, produtos artesanais locais, utensílios de trabalho para o homem do campo, produtos industriais e importados (CDs, DVDs, tecidos, entre outros) roupas e calçados expostos em bancas ou no chão, de forma organizada, em cada espaço que o feirante possui para colocar suas mercadorias.

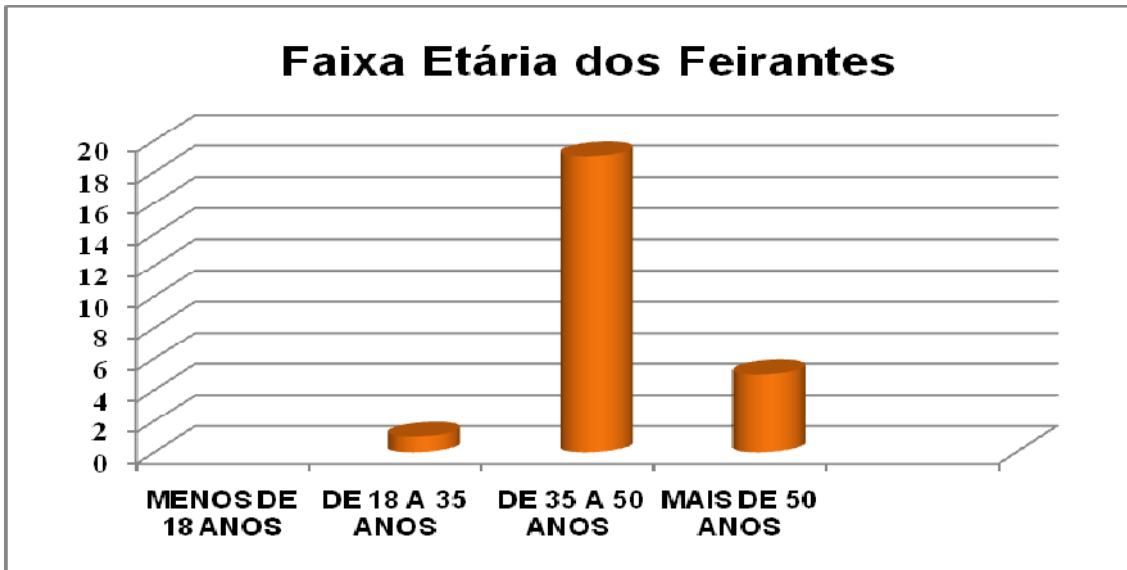
A maioria dos produtos comercializados pelos feirantes que vendem artigos com finalidade agropecuária é fabricada por artesãos da própria cidade e das cidades vizinhas, e outra parte comprada diretamente de outros estados, com fabricantes de grande ou pequeno porte. As peças de arreo para animais, por exemplo, são produzidas por artesãos locais, bem como as bacias e baldes de alumínio; já os facões, enxadas e outros objetos utilizados no campo, são comprados de fabricantes de outros estados.

FLUXOS E ATRAÇÃO ECONÔMICA DA FEIRA LIVRE

Procuramos traçar um perfil básico do comerciante, seja ele de frutas e verduras, roupas e calçados, artesanato ou produtos importados, nas conversas formais e informais com os feirantes, bem como na aplicação de 50 questionários, sendo 25 aplicados com os consumidores e 25 com os feirantes, cujos dados tornam-se primordiais para a construção dos resultados deste trabalho.

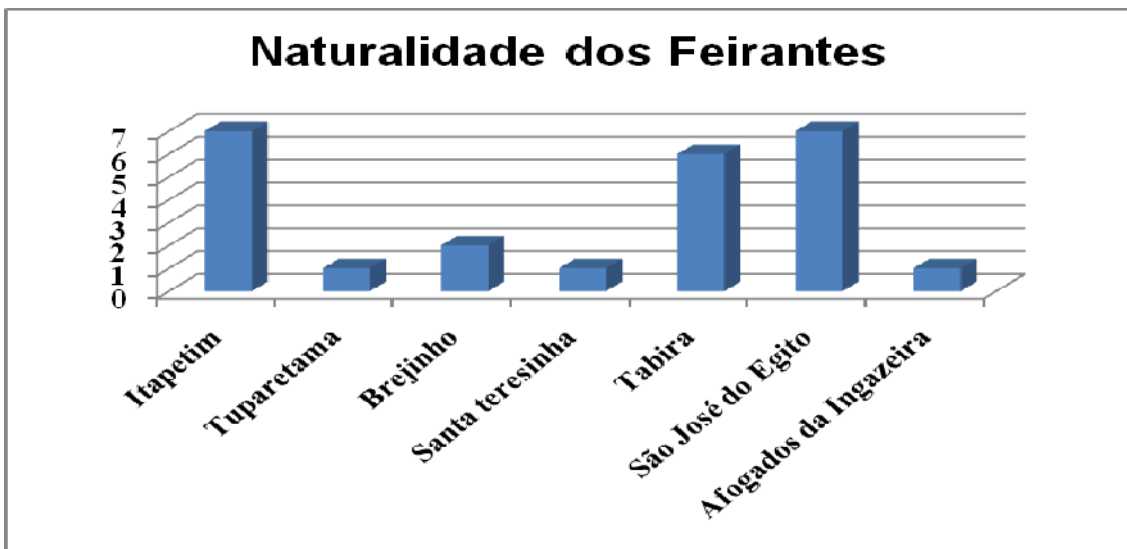
Quanto à faixa etária, observamos que grande parte deles apresenta idade entre 36 e 50 anos; são naturais e residentes, em maior número de São José do Egito, Itapetim e Tabira, e possuem nível escolar fundamental incompleto, conforme pode ser visualizado nos gráficos a seguir.

Gráfico 01- Faixa etária dos feirantes



Fonte: Pesquisa Direta, abril de 2011.

Gráfico 02 - Naturalidade dos feirantes



Fonte: Pesquisa Direta, abril de 2011.

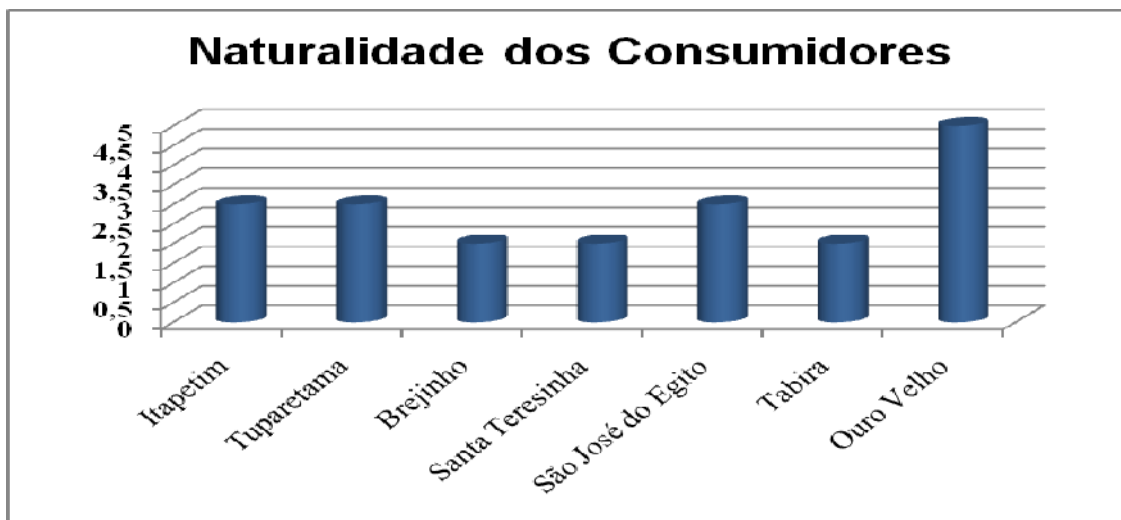
Gráfico 03 – Escolaridade dos feirantes.

Fonte: Pesquisa Direta, abril de 2011.

Considerando-se que a feira de São José do Egito atrai consumidores das cidades vizinhas, buscamos identificar a cidade onde reside e o motivo de seu deslocamento, visto que nas suas cidades também há feira livre em um dia da semana (ver gráfico 04).

A maioria dos entrevistados reside na cidade de Ouro Velho, no estado da Paraíba; os entrevistados informaram que a feira de Ouro Velho é muito pequena e que não possui variedade de produtos, o que gera preços altos por falta de concorrência. Segundo os consumidores dessa cidade, a facilidade dos transportes para a cidade de São José do Egito, devido à proximidade geográfica com a mesma e a variedade e preços dos produtos, justifica o fluxo dos mesmos. Para entender melhor o motivo dos deslocamentos dos consumidores das cidades vizinhas foi feita a seguinte pergunta a esses consumidores: o que o faz se deslocar de sua cidade para comprar na feira de São José do Egito? As respostas foram a variedade dos produtos, a qualidade e os preços, como mostra o gráfico 05.

Gráfico 04 – Naturalidade dos consumidores



Fonte: Pesquisa Direta, abril de 2011.

Gráfico 05 – Motivo de deslocamento para a feira



Fonte: Pesquisa Direta, abril de 2011.

Os entrevistados da cidade de Tabira afirmaram que os preços *das mercadorias* são praticamente iguais aos da sua cidade, no entanto, a qualidade e variedade é que fazem toda a diferença. Os consumidores das outras cidades falaram que percebem a diferença no preço dos produtos. Os consumidores de Tuparetama, Itapetim e Brejinho, além da proximidade com a cidade, falam que o dia em que acontece a feira (sábados) motiva o deslocamento, visto que o dia da feira de suas cidades é durante a semana, no horário em que estão trabalhando, e

os preços e variedade dos produtos estimulam o deslocamento para a compra, onde o consumidor pode ter a opção de pesquisar para comprar.

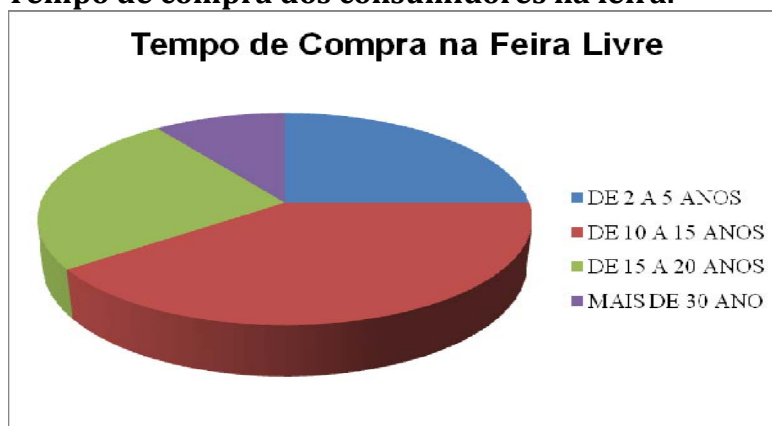
Os setores onde os consumidores mais compram é o setor de frutas e verduras e, em seguida, é o setor de roupas e calçados. Os consumidores, em sua maioria, compram na feira há mais de 10 anos (gráficos 06 e 07). Os consumidores asseguram que, chegando à feira, primeiro compram a alimentação nos bancos de frutas e verduras e, em seguida, o artesanato, principalmente, panelas de barro, conchas de madeira, bacias de alumínio, dentre outros. Em seguida, vão para o setor de bancos de roupas e calçados (vestuário), sendo os consumidores desse setor, em sua maioria, do sexo feminino.

Gráfico 06 - Objetos e produtos mais comprados pelos consumidores.



Fonte: Pesquisa Direta, abril de 2011.

Gráfico 07 - Tempo de compra dos consumidores na feira.



Fonte: Pesquisa Direta, abril de 2011.

O fluxo no consumo deixa visível na paisagem da feira os horários de movimento em cada setor de vendas. Por volta das 06h00min horas da manhã, nota-se grande fluxo de consumidores no setor de frutas e verduras, bem como dentro do mercado municipal, onde se comercializa a venda de carnes; entre 08h30min e 10h00min da manhã, em média, o movimento do setor de frutas e verduras diminui e começa o movimento dos setores de roupas, calçados, artesanatos, produtos industrializados e importados, dentre outros. Segundo os feirantes, esse movimento acontece porque o consumo de primeira ordem é a alimentação, seguida do consumo de bens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da pesquisa feita com os feirantes e consumidores, pode-se perceber que a feira livre de São José do Egito é favorecida com o fluxo de pessoas e capital, devido a sua posição geográfica em relação às outras cidades, às estradas que as interligam, bem como pela oferta razoável de meios de transportes, responsáveis por grande parte do deslocamento de consumidores das cidades vizinhas para a feira. O dia da comercialização, aos sábados, promove um fluxo considerável de feirantes montando suas bancas e vendendo seus produtos. Essa quantidade de feirantes proporciona quantidade, bons preços e variedade dos produtos, o que acaba atraindo os consumidores das cidades vizinhas, isto é, proporciona farta oferta e procura.

O encontro e fluxos de consumidores, feirantes, mercadoria, capital, faz da feira livre de São José do Egito ponto de atração econômica para consumidores de cidades vizinhas, favorecendo a economia local e, conseqüentemente, o desenvolvimento da cidade; também é um lugar onde se podem encontrar trocas culturais e simbólicas nas relações sociais de comercialização, já que cada feirante e consumidor possuem sua cultura, seus motivos ou interesses de vendas ou compras.

Espera-se que o poder público municipal possa compreender de forma mais sucinta o valor social, econômico e cultural que a feira possui para a esfera local da cidade, e implemente políticas que promovam seu desenvolvimento.

NOTAS

1. Qualidade do que é rugoso. No texto relaciona-se aos aspectos culturais e artesanais de cada lugar comercializar seus produtos, e ao absorver os produtos decorrentes da modernização não deixa que suas características predominem nas feiras nordestinas, mas ao mesmo tempo esses novos produtos originam futuras formas de rugosidade local, regional.
2. A microrregião do vale é formada por 17 municípios, situada no sertão do estado, sua extensão territorial é de 8.663 km², correspondendo a 8,78% do território estadual. Dados disponíveis em <[http:// www.pe.az.com](http://www.pe.az.com)>. Acesso em 23/04/2011.
3. A feira da troca é onde acontece a comercialização informal de produtos e objetos usados, a comercialização pode acontecer entre um produto usado por outro, tudo é trocado havendo interesse de ambas as partes.

REFERÊNCIAS

- CARDOSO, Carlos Augusto de Amorim; MAIA, Doralice Satyro. Das feiras às festas: as cidades médias do interior do nordeste. In: SPÓSITO, Maria Encarnação Beltrão (Org). **Cidades Médias: Espaços em Transição**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.
- CIRANO, Marcos. **São José do Egito: um século de historia 1909/2009**. Recife: 2009.
- COSTA, Antônio Albuquerque da. A feira de Campina Grande: Rugosidade num espaço que se transforma. In: VIII ENCONTRO REGIONAL DE GEOGRÁFOS. Associação dos geógrafos Brasileiros. Contribuições Científicas, 11 a 14 de julho de 2001. Natal – RN. 1 Cd.
- GASPAR, Lucia. **Feira de Caruaru**. Pesquisa Escolar online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em <<http://www.fundai.gov.br>>. Acesso em janeiro de 2011.
- GEERTZ,C. **As interpretações da cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GALVÃO, Paulo Francisco Monteiro. **A Feira Livre em João Pessoa: Evolução e Mudanças Sociais**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). UFPB, 1994.
- HUBERMAN, Leo. Sacerdotes guerreiros e trabalhadores. In: HUBERMAN, Leo. **Historia da Riqueza do Homem**. Rio de Janeiro: LTC, 1986.

LIMA, Anna Erica Ferreira. Aspecto da Formação espacial da Feira Livre de Abaía – Ceára: Relações e trocas. In: XIX ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA. São Paulo, 2009, PP.1 – 19. Disponível em <http://www.Uff.br/usinga/trabalhos/trabalhos%20completos/Anna%20Erica%20Ferreira%20Lima.pdf>
Acesso em abril de 2011.

MOREIRA, Ruy. **Sociabilidade e espaço** (as formas de organizações geográficas das sociedades na era da Terceira Revolução Industrial) – um estudo de tendências. In: REVISTA AGRÁRIA, São Paulo, nº 2, pp. 93-108, 2005.

MAZOLLENIS, Eduardo. **Política Municipal de Meio ambiente:** propostas e reflexões para uma sociedade sustentável. Jaboticabal: Fábrica das Palavras S/C, 1998. 124p.

NASCIMENTO, Helio de Oliveira. **As Intermediações comerciais na Empasa – CG.** Dissertação (Mestrado em Geografia). UFS, 1999.

SATO, Leni. Processos Cotidianos de Organização do Trabalho na Feira livre. In: REVISTA PSICOLOGIA SOCIAL. Porto Alegre, v 19, n. spe, 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.pnp?pid=s1870_350x2008000400010&scipt=si_arttext>. Acesso em abril de 2011.

VIEIRA, Rute. **A feira livre de Taperoá – PB.** Monografia (graduação em geografia). 96 p. UFPB, 2004.